

8 – Feyerabend e “Contra o Método”

Paul Feyerabend me parece essencial em qualquer discussão ampla sobre filosofia da ciência. Na “Introdução” de sua obra-prima “Contra o Método” [Feyerabend, 2011], publicada em 1975, ele começa da seguinte forma:

“O ensaio a seguir é escrito com a convicção de que o anarquismo, ainda que talvez não seja a mais atraente filosofia política, é, com certeza, um excelente remédio para a epistemologia e para a filosofia da ciência”.

Um pouco à frente, diz [Feyerabend, 2011]:

“Um meio complexo, contendo desenvolvimentos surpreendentes e imprevistos, demanda procedimentos complexos e desafia a análise de regras que tenham sido estabelecidas de antemão e sem levar em consideração as condições sempre cambiantes da história”

Faz também uma crítica ácida da educação científica vigente, que define um campo, separa-o da história e recebe uma lógica própria. Um treinamento nessa lógica condiciona quem trabalha nesse campo, levando à uniformização e à perda de uma perspectiva histórica. A transição de fronteiras é inibida, a imaginação é restringida [Feyerabend, 2011]. Duas questões se colocam: devemos permitir a esse *modus operandi* exclusividade na negociação com o conhecimento, ignorando outros métodos? Os cientistas sempre se mantiveram nesses limites estreitos? Feyerabend responde negativamente ambas as perguntas.

Um argumento seu é que o mundo a explorar é em grande medida desconhecido, o que torna qualquer limitação de opções a priori pouco válida. Outro argumento, bastante contundente, é que uma educação científica como a padrão não se harmoniza com uma atitude humanista, não permitindo o cultivo da individualidade [Feyerabend, 2011]. *“A tentativa de fazer crescer a liberdade, de levar uma vida plena e gratificante e a tentativa correspondente de descobrir os segredos da natureza e do homem acarretam, portanto, a rejeição de todos os padrões universais e de todas as tradições rígidas”.*

Para Feyerabend, não há regras científicas que não sejam violadas em algum momento – essas violações não são fortuitas, são necessárias para o progresso da ciência. Assim, não há metodologias sem limitações e a única “regra” que sobrevive é: “vale tudo” [Chalmers, 1999]. Não é aconselhável que as escolhas e decisões dos cientistas sejam restringidas por regras estabelecidas ou implícitas nas metodologias de ciência [Chalmers, 1999].

Feyerabend também fala de incomensurabilidade entre teorias (uma conexão até certo ponto com Kuhn). Pode ocorrer que os conceitos de uma teoria sejam tão diferentes dos de outra que não é possível nem mesmo formular os conceitos básicos de uma teoria em outra [Chalmers,

1999]. Um exemplo disso é a relação entre a mecânica clássica e a relatividade. Na primeira, os objetos físicos possuem forma, massa e volume. No caso da relatividade, propriedades desse tipo não tem existência absoluta, mas dependem do observador. Nesse caso, a relatividade não permitiria compartilhar nem mesmo uma afirmação com sua antecessora – um golpe rude no sistema de Popper [Chalmers, 1999].

A incomensurabilidade não significa impossibilidade de comparação. Análise do desempenho das teorias em diferentes situações experimentais, linearidade ou não-linearidade, coerência ou incoerência, ousadia ou segurança são critérios. Feyerabend dizia que a definição do critério mais relevante é subjetiva, com preferências conflitantes e mesmo propaganda. Com a incomensurabilidade, o que permanece são os julgamentos estéticos, julgamentos de gosto, preconceitos metafísicos, desejos religiosos - fatores subjetivos [Chalmers, 1999].

Um ponto importante de Feyerabend é que ele coloca numa perspectiva de injustiça a chamada *condição de consistência*. O fato de que teorias novas tenham de ser consistentes com as antigas dá uma vantagem às segundas devida exclusivamente a sua antiguidade.

Um cientista que deseja obter o máximo de conteúdo empírico deve adotar uma perspectiva pluralista, comparando teorias com outras teorias, em vez de “experiência”, “dados” ou “fatos”, e tentará aperfeiçoar as concepções que parecem estar sendo vencidas na competição [Feyerabend, 2011]. As alternativas podem ser buscadas no passado ou onde quer que o cientista deseje buscá-las.

Nenhuma teoria jamais está de acordo com todos os fatos presentes em seu domínio. A teoria de Newton foi assediada desde o início por dificuldades que bem poderiam levar à sua refutação. O modelo de Bohr foi introduzido e mantido em face de evidência contrária inabalável [Feyerabend, 2011]. A relatividade especial sobreviveu aos experimentos de Dayton Miller. Isso ataca frontalmente o falsificacionismo ingênuo.

Um ponto que merece muita atenção no pensamento de Feyerabend é que ele não considera a ciência superior a outras formas de conhecimento. Reclama que os cientistas muitas vezes fazem comparações da ciência com outras tradições encarando as últimas de maneira superficial. Advoga que, por exemplo, o marxismo, o vodu e a astrologia não podem ser excluídos recorrendo-se a critérios de cientificidade ou racionalidade [Chalmers, 1999].

Feyerabend defende uma atitude humanitária, de promover a liberdade do indivíduo. Encoraja, destarte, a libertação de restrições metodológicas no seio da ciência e a liberdade de os seres humanos escolherem entre a ciência e outras tradições. Segue daí que, para ele, a institucionalização da ciência em nossa sociedade não é razoável. Nas escolas, por exemplo, ensina-se ciência (e.g. em vez de mágica), e não se tem a liberdade de escolha que existe quanto à religião. A separação estado – religião foi conquistada em muitos países, mas não a separação estado – ciência. É preciso liberar a sociedade desse estrangulamento de uma ciência ideologicamente petrificada [Chalmers, 1999]. Um cidadão maduro numa sociedade livre aprendeu a decidir e é capaz de decidir o melhor para si mesmo. Estudar-se-á a ciência como fenômeno histórico juntamente com contos de fada e mitos de sociedades ditas “primitivas”, permitindo a escolha de cada cidadão. O Estado seria ideologicamente neutro.

Há muito nisso tudo que me toca profundamente.

Referências

[Chalmers, 1999] A. F. Chalmers, *O Que é Ciência Afinal?*, Brasiliense, 1999.

[Feyerabend, 2011] P. Feyerabend, *Contra o Método*, Editora UNESP, 2011.